



IDENTIDADES:

trânsito diaspórico e a africanidade

Identities:

diasporic transit and Africanity

Identidades:

trânsito diaspórico y africanidad

Silvana Colombelli Parra Sanches¹

RESUMO:

Este artigo constitui um pequeno recorte da tese intitulada “*Name nala* em diáspora: a presença senegalesa em Campo Grande, Mato Grosso do Sul”, defendida em fevereiro de 2023 no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Católica Dom Bosco. Esta parte é um apanhado teórico produzido ao observar a construção identitária dos colaboradores da pesquisa, os senegaleses. São seres humanos fluidos, cosmopolitas, viajantes, plenos de ancestralidade e também pós-modernos, sobreviventes ao sistema capitalista neoliberal, políglotas, dentre outras características, e, a partir delas, vão se relacionando com a comunidade campo-grandense. Para analisar as identidades mencionadas, utilizo autores pós-coloniais, pós-críticos e dos estudos culturais, que contribuem na discussão descolonial, da diferença e das epistemologias outras, de fronteira, bem como fazem críticas à identidade nacional e pensam os processos de afirmação de identidades interétnicas, multilíngues e politicamente deslocadas, porque em trânsito, de diversos povos que migram pelo planeta.

Palavras-chave: Identidades. Africanidades. Modernidade. Culturas.

ABSTRACT:

This article constitutes a small excerpt from the thesis entitled “*Name nala* in diaspora: the Senegalese presence in Campo Grande, Mato Grosso do Sul”, defended in February 2023 in the Postgraduate Program in Education at the Dom Bosco Catholic University. This part is a theoretical overview produced by observing the identity construction of the research

¹ Doutorado em educação (UCDB); Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS) – Brasil; GERDE - Grupo de estudos raciais, diversidade e educação; Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-4988-2863>; E-mail: silvana.sanches@ifms.edu.br.



collaborators, the Senegalese. They are fluid, cosmopolitan, traveling human beings, full of ancestry and also post-modern, survivors of the neoliberal capitalist system, polyglots, among other characteristics, and, based on these, they relate to the Campo Grande community. To analyze the identities mentioned, I use post-colonial, post-critical and cultural studies authors, who contribute to the decolonial discussion, of difference and other, border epistemologies, as well as criticizing national identity and thinking about the processes of affirming interethnic, multilingual and politically displaced identities, because in transit, of different peoples who migrate across the planet.

Keywords: Identities. Africanities. Modernity. Cultures.

RESUMEN

Este artículo constituye un pequeño extracto de la tesis titulada “Nombre nala en la diáspora: la presencia senegalesa en Campo Grande, Mato Grosso do Sul”, defendida en febrero de 2023 en el Programa de Postgrado en Educación de la Universidad Católica Dom Bosco. Esta parte es un panorama teórico producido a partir de la observación de la construcción de identidad de los colaboradores de la investigación, los senegaleses. Son seres humanos fluidos, cosmopolitas, viajeros, llenos de abolengo y también posmodernos, sobrevivientes del sistema capitalista neoliberal, políglotas, entre otras características, y, a partir de ellas, se relacionan con la comunidad de Campo Grande. Para analizar las identidades mencionadas, utilizo autores de estudios poscoloniales, poscríticos y culturales, que contribuyen a la discusión decolonial, de la diferencia y otras epistemologías fronterizas, además de criticar la identidad nacional y pensar los procesos de afirmación interétnica, identidades multilingües y políticamente desplazadas, porque están en tránsito, de diferentes pueblos que migran a lo largo del planeta.

Palabras clave: Identidades. Africanidades. Modernidad. Culturas.

INTRODUÇÃO

“[...] não havia outra escolha senão devir-negro, para não acabar fascista.”
(Deleuze e Guattari, 2012, p. 94)

Este artigo é um recorte de uma tese de doutorado inserida na linha de pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena do Programa de Pós-Graduação em Educação

da Universidade Católica Dom Bosco, onde lanço um olhar para mim e para o outro ao considerar classe social, gênero, condição cultural, enrijecimentos ontológicos, epistemológicos, permeados por signos imagéticos, movimentos éticos, estéticos e políticos. O objetivo geral da tese foi entender a educação intercultural produzida em diáspora, com a presença de senegaleses em Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul.

Os objetivos específicos foram: refletir sobre os sentidos e significados das relações interpessoais entre senegaleses e brasileiros ao investigar as interações sociais que estes estabelecem por meio do trabalho, da religiosidade, dos casamentos, das amizades, das festas, com o movimento negro, dentre outros; analisar as relações sociais produzidas a partir da diáspora de senegaleses em Campo Grande - MS no espaço público e privado na perspectiva de senegaleses residentes em Campo Grande - MS e de outros atores sociais imbricados no processo de forma rizomática; experimentar com eles o processo de hibridização nas relações sociais entre brasileiros e senegaleses, especialmente a apreensão da língua portuguesa em interface ao wolof, o francês e o árabe.

A pesquisa de campo foi desenvolvida no período de 2019 a 2022, ocasião em que mantive contato com dezenove senegaleses modu-modu, que são homens muçulmanos que viajam pelo mundo para trabalhar e enviar recursos às suas famílias. A maioria é da etnia Wolof, mas também há pessoas da etnia Sérèrer, Diola, Toucouleur, entre outras, residindo no município. Entre eles falam em Wolof e francês, a língua do colonizador.

Aos poucos aprendi a língua Wolof, nas refeições feitas ao chão e sem talheres no íntimo de suas repúblicas e ouvindo histórias de name nala (saudades em Wolof), práticas mágicas, danças, lutas senegalesas e outras diferenças culturais. Eles chegam ao Brasil sem toda a documentação necessária. Ao ouvi-los pude descobrir que entram pelo Acre e passam por Rio Branco ou por Corumbá, Mato Grosso do Sul, conseguindo primeiro a condição de refugiado, depois de imigrante temporário, visto permanente e,

por fim, podem naturalizar-se com seis anos em solo brasileiro. Foram utilizadas contribuições teóricas do grupo modernidade/colonialidade e a produção de intelectuais negros afrodiaspóricos e feministas negras brasileiras.

Os resultados da pesquisa passam pela interculturalidade produzida durante a interação social com brasileiros, órgãos públicos e movimentos sociais, a fruição artística provocada na pesquisadora, a análise de espaços racializados e repressores como empresas, polícia e ruas gentrificadas, e, espaços antagônicos a estes, como os Dairas, Magal de Touba e feiras Afro como máquinas de guerra, além de analisar os impactos da COVID-19 neste grupo social. Assim, este artigo é uma pequena parte que trata da temática das identidades descentradas que produzem este grupo social.

DESENVOLVIMENTO

“A simplicidade do negro é um mito forjado por observadores superficiais.”
(Fanon, 2008, p. 72)

Para Bauman (2005), a identidade é uma convenção socialmente necessária. A ambivalência reside entre ter uma identidade e estabelecer redes de conexões identitárias e geralmente o sujeito contemporâneo age com isso e aquilo. O construtor de identidade é um *bricoleur*², e o faz com o material que lhe vêm às mãos. A identidade só vem à luz no tumulto do enfrentamento. É uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação, uma recusa em ser devorado. A construção da identidade é uma experiência infundável.

A identidade pode ser um caminho para a emancipação, entretanto pode configurar-se como uma forma de opressão, pois pode gerar relacionamentos em que se vê em uma negociação interminável ou compromissos incômodos. A

² Bricolar em português significa “[...] improvisar, colar, reinventar, compor [...] O bricoleur e o cartógrafo se misturam na antropofagia, ambos incorporam vidas e devolvem potências ao mundo.” (Maraschin e Raniere, 2012, p. 39-40).

extraterritorialidade virtual - redes sociais, por exemplo - é quase um antídoto a esse engessamento que se faz em um relacionamento duradouro ou quando se está imerso em uma comunidade específica. Segundo este autor:

As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento e o resultado da negociação permanece eternamente pendente (Bauman, 2005, p. 19).

Desta forma, pensar a identidade como criação cultural é transgredir³ fronteiras e encará-la como algo a ser inventado e não descoberto: a própria criação de si. Hall (2006) afirma que as sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela diferença, são atravessadas por divisões — o que outras autoras e autores denominam interseccionalidades — que produzem antagonismos sociais e diferentes posições de sujeito, ou seja, diferentes identidades no mesmo indivíduo, por motivo de deslocamento e descentramento deste.

Para os senegaleses, por mais que fazem amplo uso das redes sociais⁴ e estão em permanente contato com familiares e amigos do país de origem, é preciso recriar parcialmente o mundo familiar no país que se reside. Não só para eles se pensarmos como Bauman: na nossa era líquida-moderna se produz milhões de refugiados e imigrantes de forma acelerada.

A ideia de identidade nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o 'deve' e o 'é' e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia - recriar a realidade à semelhança da ideia (Bauman, 2005, p. 26).

³ A transgressão está para a teoria pós-crítica (estudos sobre culturas) assim como a contradição está para o marxismo (pensamento dialético), escreve Hall (2013) ruminando Foucault.

⁴ Brignol (2015) constata que é intenso o uso das redes sociais entre os os senegaleses que residem no sul do país, sendo o aparelho celular o principal meio de contato com os parentes no estrangeiro. “[...] a própria condição migrante é parte da configuração e reconfiguração de modos de rotinas/temporalidades dos padrões de acesso à internet, [...]” (Brignol e Costa, 2018, p. 16).



Ao pensar na interseccionalidade entre a discussão de identidade e a étnico-racial pode-se citar Stuart Hall (2000, p. 104), intelectual afrodiáspórico, jamaicano de origem, professor universitário na Inglaterra, afirma que

[...] a identidade é um desses conceitos que operam ‘sob rasura’, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas [grifo do autor].

Um contexto singular no qual a humanidade se depara também requer um novo olhar, novos paradigmas. Hall (2006), ao investigar a crise de identidade na modernidade tardia pressupõe que há três concepções básicas de identidade no Ocidente: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo foi gestado na emergência do antropocentrismo. É individual, indivisível, singular e se produziu com a revolução técnico-científica, o protestantismo e o renascimento cultural.

O sujeito sociológico retoma o caráter de multidão, contudo permanece racional, consciente, apesar de enredado às estruturas, ao aparato burocrático e ao Estado moderno. O sujeito pós-moderno é flutuante, se faz a partir de sociedades descentradas, emprestando, ao mesmo tempo, elementos de culturas e identidades diversas. Não obstante, o sujeito contemporâneo não age deslocado de marcadores de gênero, classe, étnico-raciais e ambientais.

No que diz respeito às identidades étnico-raciais, Gilroy (2012, p. 209) adverte que: “A identidade negra não é meramente uma categoria social e política a ser utilizada ou abandonada de acordo com a medida na qual a retórica que a apoia e legítima é persuasiva ou institucionalmente poderosa.” As investigações científicas devem ser cuidadosas nesse aspecto, para não resvalar em um oportunismo temático.

Assim, o grupo social pesquisado neste artigo se inscreve em uma realidade da modernidade tardia com fronteiras nacionais físicas e culturais perenes, com identidade de sujeito pós-moderno globalizado. A identidade do senegalês que reside em Campo



Grande passa pela sua etnia (uma das inúmeras da África *noir*), sua religiosidade islâmica, sua nação senegalesa, seu eu imigrante, afrodiaspórico, sua cor preta, sua sexualidade masculina, sua identidade cis. As estratégias que se utilizam para re-existir e se reinventar como imigrantes são sofisticadas e complexas.

Hall (2000) nos faz pensar que o sujeito é constantemente reconceitualizado, representa uma unidade fictícia, é performativo e imaginado pela metafísica ocidental pós-cartesiana. Gilroy (2012) coloca que há um sentido experiencial coerente do eu que resulta na prática de linguagens, gestos, significações corporais, desejos. As experiências na diáspora fornecem munição para utilizar aqui e ali elementos identitários híbridos, impactar a si mesmos e aos outros, de forma intensa a ponto de modificar a todos e todas que estabelecem contato.

É bom lembrar o que se evidencia em Bauman (2005): a identidade nacional é como uma ficção. O Senegal tornou-se independente em quatro de abril de 1960, após 106 anos de domínio francês. Suas fronteiras forjadas não obedeceram às fronteiras étnicas, como também ocorreu nas Américas. Esta é uma das causas da profunda miséria humana, a desigualdade social é uma tragédia evitável, mas o capital exige homogeneidade, uniformidade. Este mesmo capital defendido por uma elite global cosmopolita, contraditoriamente, quer a diversidade em suas prateleiras como um bazar multicultural a seu alcance, nos ensina Bauman (2005).

A professora universitária e feminista nigeriana Amina Mana afirma que: “Em grande parte da África, as identidades nacionais sempre foram mal alicerçadas e sujeitas a uma permanente contestação, nunca logrando sobrepor-se ao pulsar multi-étnico, multilingue e multi-religioso do continente.” (2010, p. 623). Neste sentido, entre os senegaleses, por exemplo, há discussões acaloradas sobre se a região de Casamance (que pertencia à Portugal) deveria ser território senegalês ou incorporada à Guiné-Bissau, tamanha a diferença cultural e econômica em relação à região da capital do país, Dacar.



Não obstante, a globalização e o mercado global produzem efeitos sobre as identidades culturais. Hall (2006, p. 75) escreve que: “Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha.” Este autor acredita que a difusão do consumismo, sendo uma ilusão ou algo concreto, levou a este efeito de supermercado cultural.

Os particularismos precisam ser negociados quando se tem um bombardeamento global de informações e infiltrações culturais de todo tipo. Talvez as singularidades locais ofereçam resistência a uma ocidentalização travestida de globalização. Como afirma Mignolo (2017, p. 3): “A globalização tem dois lados: o da narrativa da modernidade e o da lógica da colonialidade.”

Para insurgir e atuar nas brechas deste sistema mundo⁵ moderno-colonial é necessária a decolonialidade. Maldonado-Torres (2020) ensina que descolonização se refere a momentos históricos que os sujeitos coloniais lutaram contra os ex-impérios e reivindicavam independência enquanto decolonialidade consiste em transgredir a lógica da colonialidade e seus resultados materiais, epistêmicos e simbólicos.

Os resultados da colonialidade do poder estão impressos nas estruturas, nas culturas e nos sujeitos deste sistema mundo. Os resultados da colonialidade do saber, por sua vez, produzem os sujeitos, os objetos e os métodos e os resultados da colonialidade do ser estão imbricados no tempo, no espaço e nas subjetividades. “A colonialidade do ser inclui a colonialidade da visão e dos demais sentidos.” (Maldonado-Torres, 2020, p. 44).

Grosfoguel (2010, p. 466) lembra que colonialidade e colonialismo são conceitos diferentes e que a colonialidade e a modernidade são duas dimensões do contemporâneo:

⁵ Conforme Grosfoguel (2020), sistema-mundo é um termo que substitui o conceito de sociedade como forma de romper com a ideia moderna que reduz esta mesma sociedade às fronteiras geográficas e jurídico-políticas dos Estados-nações.



[...] da mesma maneira que a revolução industrial europeia foi possível graças às formas coercitivas de trabalho na periferia, as novas identidades, direitos, leis e instituições da modernidade, de que são exemplo os estados-nação, a cidadania e a democracia, formaram-se durante um processo de interação colonial e também de dominação/exploração, com povos não-ocidentais.

Este autor considera que a colonialidade permite entender como as formas coloniais de dominação persistiram mesmo com o fim das administrações coloniais. Não obstante, o nacionalismo fracassou e o que se observa são alternativas de solução local para problemas gerados globalmente. O nacionalismo é produto do pensamento e das estruturas políticas eurocêntricas (Grosfoguel, 2010).

As forças convencionais do Estado são inócuas. A identidade nacional é puramente política e acontece à revelia das diversas etnias, línguas, culturas locais, costumes, crenças, práticas regulares, mitologias e calendários diversos, em suma, em relação antagônica às culturas. O patriotismo constitucional não é uma opção realista, afirma Bauman (2005). O nacionalismo reproduz uma colonialidade interna a cada Estado-nação, de acordo com Grosfoguel (2010).

Munanga (2020) afirma que a identidade é um processo e seus constitutivos são elencados entre os elementos comuns aos membros de um grupo. Neste contexto,

[...] o processo de formação da identidade nacional no Brasil recorreu aos métodos eugenistas, visando o embranquecimento da sociedade. Se o embranquecimento tivesse sido (hipoteticamente) completado, a realidade racial brasileira teria sido outra. No lugar [...] nasceu uma nova sociedade plural constituída de mestiços, negros, índios, brancos e asiáticos cujas combinações em proporções desiguais dão ao Brasil seu colorido atual (Munanga, 2020, p. 21).

Este autor africano em diáspora no Brasil escreve que o termo mestiçagem cultural é criticado duramente por Léopold Sédar Senghor, poeta, primeiro presidente do Senegal, compôs o hino nacional do país e foi um dos primeiros teóricos a utilizar o termo negritude, o qual escreve que ensinar negros africanos a partir de humanidades greco-latinas seria interpretar mal sua origem terrestre, minar o gênio de sua raça,



desviá-los de outra humanidade possível, mais de acordo com suas aspirações profundas e suas aptidões congênitas.

Hall (2000) salienta que a identidade é um conceito ardiloso, estratégico, situado entre o psíquico e o social e resultante de um rico legado semântico. Corresponde parcialmente a um passado histórico e é construído por meio da diferença. Contém pontos de identificação porque excludente, e, em suas margens há sempre um outro silenciado que sobre ele exerce poder. É ponto de sutura (intersecção) de discursos e práticas que aliciam e processos de subjetivação que fazem falar cada qual na qualidade de sujeito.

Para movimentarem-se em um território, os imigrantes e refugiados, os sem Estado, reafirmam as suas comunidades identitárias. Não é fácil ser desterritorializado em um mundo de soberania territorialmente assentada. Ao mesmo tempo, são sujeitos cosmopolitas e pós-modernos, e a comunidade também pode aprisioná-los. Os senegaleses entram em conflito no imigrante porque têm liberdade de escolha longe do núcleo familiar, porém, sentem falta da segurança oferecida pelo pertencimento. As estruturas: “Não serão capazes de aguentar o vazamento, a infiltração, o gotejar, o transbordamento [...]” (Bauman, 2005, p. 57).

Assim sendo, identidades centradas e fechadas em torno de uma cultura nacional são constantemente deslocadas, traduzidas, suspensas e se alimentam de diferentes tradições. Hall (2006) coloca que a globalização tem efeito pluralizante sobre as identidades e que as identidades e diferenças estão articuladas, entrelaçadas e, dependendo de seu caráter posicional e conjuntural, podem dizer algo político, como por exemplo o movimento *black* em países das Américas e Ásia.

Ao manter-se fiel à lógica da continuidade de sua identidade de origem corre-se o risco de ser classificado como pertencente a uma subclasse e desta forma, subalternizado e inferiorizado em vários espaços sociais. Como enfrentamento a esta situação: “Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento [...]”, (Bauman, 2005, p. 32).

Os senegaleses no Brasil são, portanto, produto das novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais, traduzindo e negociando com culturas que se refazem na modernidade tardia. Diásporas estas que podem contribuir, juntamente com a globalização, para um descentramento do Ocidente (Hall, 2006).

Gilroy (2012) faz críticas a Bauman em seu livro *Modernidade e Holocausto* ao afirmar que o escreveu com uma concepção eurocêntrica da modernidade. Neste livro Bauman disserta sobre as características racionais do holocausto, a despeito dos defensores da modernidade e suas consequências. Este autor coloca que “[...] a experiência do holocausto muitas vezes é mostrada sob insígnia da irracionalidade, porém a realidade mostra o contrário.” (Sanches; Nascimento, 2020, p. 296). Concordo com Bauman quando este escreve que os homicídios em massa visam uma finalidade, que é a eliminação do Outro não neutro, não objetivo e não racional dentro da perspectiva Ocidental do que seja Ser moderno. “O genocídio moderno é um elemento de engenharia social, que visa a produzir uma ordem social conforme um projeto de sociedade perfeita”. (Bauman, 1998, p. 114-115). Perfeita para quem?

Para além das críticas, Gilroy (2012) compreende que o antissemitismo e o racismo estão estreitamente associados na historiografia do século XIX e continuam a ser fatores em grande parte negligenciados na história das ciências humanas.

Esse autor considera que a eugenia europeia se desenvolveu em paralelo com a ciência racial americana e foi incentivada durante todo seu desenvolvimento pelas relações sociais coloniais. Nesta perspectiva, nota-se o pensamento de Silvério (2020, p. 278) [grifo do autor], quando este escreve que “[...] a raça, na chave da racialização, deve ser considerada como constitutiva, e não como desdobramento e/ou consequência, ou mesmo uma anomalia da modernidade.”

Christian (2009), por sua vez, é um pan-africanista que faz duras ressalvas à discussão teórica de Paul Gilroy. Ele coloca que, por mais que Gilroy seja um intelectual negro da diáspora, ele desenvolve uma teoria a partir do lugar europeu ao negar a solidariedade negra, ao não abordar a existência de aspectos comuns da experiência

africana que mostram uma unidade do povo negro no planeta e ao deixar de compreender as realidades do racismo em interface com as relações de poder e da resistência contracultural.

Christian (2009) analisa que Gilroy vê a abordagem afrocentrada como estática e monolítica, quando o que ocorre é que os intelectuais pan-africanistas estão muito interessados nos desdobramentos culturais e na diversidade produzida em diáspora pelas comunidades negras e suas conexões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência migratória se conecta ao estranhamento do outro. A identidade estigmatizada de imigrante africano requer que reconheçamos as problemáticas cognitivas, afetivas e sociais ao pesquisar com este grupo social, fazendo uma viagem inversa a que este fez e, com isso, utilizar uma espécie de epistemologia da complexidade, que possa sintetizar situações e pensamentos em torno da temática da educação intercultural.

Descobri, ao pesquisar com um grupo social afrodiaspórico, que é preciso processar o fato de que, ao conviver com eles, é importante despedir-se daquele lugar de Outridade: os senegaleses não precisam se explicar para a pesquisadora branca, isto é, para o mundo branco, pois o branco e a branquitude, apesar de múltiplos e sujeitos a mudanças, se consideram padrão normativo único, a-étnico e idealizam suas características culturais (Cardoso, 2010). A interação social deve acontecer com respeito mútuo e através da premissa de que a pesquisadora é capaz de refletir sobre sua própria branquitude e ser capaz de lidar com a negritude (Kilomba, 2019).

Este grupo social, diaspórico e intercultural, absorve aspectos identitários de inúmeros territórios pelos quais se movimentam, o que os posiciona em um lugar de fala (Ribeiro, 2020) peculiar, singular e interessante. É significativo aqui apresentar alguns autores que trabalham com identidade, como Bauman (2005), que a vê como ambígua e intangível, uma convenção social. A bricolagem é um processo de produção da



identidade na contemporaneidade. E, os senegaleses não fogem à regra neste quesito. Não obstante, como africanos, negros e imigrantes, são extremamente coletivos e suas ações estão ligadas pela religiosidade e pela ancestralidade.

Discutir a presença senegalesa em um Estado conservador, neoliberal, racista é perceber o transitar de pessoas pretas em uma sociedade em que o desejo de embranquecimento é latente, como explicita Carneiro (2011), e lidar com tantos fatores que atuam como indutores da ambivalência da mestiçagem ou da gradação de cor na classificação racial. É tentar desvendar fatores psíquicos e estruturais que condicionam e permeiam as relações sociais apresentadas e produzem identidades descentradas e em trânsito pelo planeta.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade** - Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BRIGNOL, Liliane Dutra; COSTA, Nathália Drey. Diáspora senegalesa e mediação tecnológica: entre tempos e lugares na observação de Magal de Touba. **Contracampo**. Niterói, v. 37, n. 1, p. 9-29, abr/2018 - jul. 2018.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv**, Manizales, v. 8, n. 1, p. 607-630, Jan/2010. Disponível em: [Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud - Vol 8 - Nº 1 - enero-junio de 2010-1.indd \(scielo.org.co\)](https://doi.org/10.15446/rcl.v8n1.10000) Acesso em: 18/03/2024.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. Consciência em debate. São Paulo: Selo Negro, 3ª reimpressão, 2011.

CHRISTIAN, Mark. Conexões da diáspora africana: uma resposta aos críticos da afrocentricidade. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.) **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, Sankofa 4, 2009, p. 147-165.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. Coleção TRANS, 2ªed., São Paulo: Editora 34, 2012.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**. Tradução de Cid Knipel Moreira. 2ª ed., 2012, São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2ª reimpressão, 2019.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 455-491.

GROSFOGUEL, Ramón. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Coleção Cultura Negra e Identidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 55-77, 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. SOVIK, Liv. (Org.) Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al., 2ªed., Belo Horizonte: Editora UFMG, Humanitas, 2013.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Coleção Cultura Negra e Identidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 27-53.

MAMA, Amina. Será ético estudar a África? Considerações preliminares sobre pesquisa acadêmica e liberdade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 603-637.



MARASCHIN, Cleci; RANIERE, Édio. Bricolar. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do, MARASCHIN, Cleci. (Orgs.) **Pesquisar na Diferença: um abecedário**. Editora Sulina, 2012, p. 39-42.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, jun/2017, p. 1-18. Disponível em: [SciELO - Brasil - COLONIALIDADE: O LADO MAIS ESCURO DA MODERNIDADE COLONIALIDADE: O LADO MAIS ESCURO DA MODERNIDADE](#) Acesso em: 18/03/2024.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5ªed; 2ªreimpressão; Belo Horizonte: Autêntica, Coleção Cultura Negra e Identidades, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Editora Jandaira. Coleção Feminismos Plurais, 2020.

SANCHES, Silvana Colombelli Parra.; NASCIMENTO, Adir Casaro. Teorizar o conhecimento: um percurso no campo da educação. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 293–308, 2020. DOI: 10.22483/2177-5796.2020v22n1p293-308. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/3816>>. Acesso em: 19 maio. 2021.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Quem negro foi e quem negro é? Anotações para uma sociologia política transnacional negra. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Coleção Cultura Negra e Identidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 269-284.

Data da submissão: 00/05/2024

Data do aceite: 12/07/2024